



Resumo da Intervenção na Conferência da ASPEA Sustentare Lda

Desenvolvimento sustentável ou Sustentabilidade do planeta, foi definido em 1987 como o desenvolvimento que “permite a satisfação das necessidades presentes sem comprometer a possibilidade de satisfação das necessidades de gerações futuras”. Esta definição assenta numa visão que faz uma ligação clara entre o desenvolvimento económico, a protecção do ambiente e o equilíbrio social. Isso implica que os agentes económicos tenham uma visão de longo prazo sempre que tomam uma decisão não só porque estão a praticar o bem mas porque têm interesse económico nisso.

Desde os anos 70 do século passado que a sustentabilidade está presente nas agendas nacional e internacional. No entanto, houve uma evolução no sentido de a abordagem assente no papel do Estado na resolução destes problemas passar a uma realidade na qual o papel principal nesta matéria é dado ao sector privado. Não quer dizer, no entanto, que o Estado está a ser substituído pelas empresas no seu papel mas sim que na economia global da actualidade, os impactes ambientais e sociais das empresas valem dinheiro e fazem com que estas valorizem cada vez mais este tipo de questões.

Esta evolução nota-se quando analisamos as principais iniciativas internacionais sobre a questão que passaram de encontros e cimeiras dos quais resultaram declarações de princípios e linhas de orientação muito gerais (por exemplo, o Relatório Bruntland) à publicação de legislação que afecta, em termos financeiros e de forma directa e indirecta, as empresas (por exemplo, a Directiva de Responsabilidade Ambiental) e aos acordos voluntários tomados por parte de empresas privadas (por exemplo, os Princípios do Equador).

Verifica-se, por isso, um crescente envolvimento das empresas no movimento da sustentabilidade desempenhando um papel crucial, não só porque os novos e crescentes requisitos legais lhes colocam novos riscos que implicam custos financeiros, mas também porque estas tomaram consciência que a integração das variáveis ambientais e sociais em todos os seus processos de tomada de decisão lhes podem trazer benefícios monetários.

Pode, por isso, afirmar-se que as empresas têm um claro interesse económico em incluir nas suas estruturas, estratégias, sistemas e processos variáveis ambientais e sociais que permitam a sua internalização no processo de tomada de decisão e que esse interesse não resulta apenas da legislação ambiental cada vez mais apertada, resulta também:

- Dos erros do mercado que fazem com que surjam problemas ambientais e sociais resultantes das actividades das empresas. Neste contexto, a responsabilidade social das empresas é transformar estes problemas em oportunidades e benefícios económicos, em capacidade produtiva e em empregos com boas condições. Assim, a responsabilidade social das empresas é a de criar mercados que corrijam estas lacunas do mercado;
- Isto faz com que as empresas tenham de estar preparadas para antecipar as necessidades da sua envolvente. Ou seja, faz com que tenham de conseguir dialogar com os seus **stakeholders**, perceber quais são as suas expectativas para que, em conjunto com eles consigam identificar forças, fraquezas, oportunidades e ameaças. Desta forma, o sector privado cria mais riqueza e de uma forma mais sustentável. Os principais *stakeholders* de uma empresa são, regra geral, os que têm influência directa e/ou indirecta nos seus lucros. Os tradicionais são:
 - Colaboradores;
 - Consumidores;
 - Accionistas;
 - Fornecedores;

Há também aqueles que influenciam as empresas no que diz respeito à sua licença para operar e que lhes podem causar graves danos de reputação. Os mais comuns são:

- Entidades governamentais e reguladoras;
 - ONGs;
 - Comunidade.
- A consulta aos **stakeholders** faz com que as empresas identifiquem todos os riscos económicos, ambientais e sociais a que estão sujeitas. Desta forma, conseguem identificar todos os riscos tangíveis como é o caso dos financeiros, amplamente regulados e controlados pelos departamentos de auditoria e/ou de avaliação de riscos, bem como os riscos intangíveis como a reputação que tem um impacto directo nos resultados das unidades de negócio e de departamentos como os de comunicação, recursos humanos e *compliance*.

Verifica-se assim que uma verdadeira estratégia de sustentabilidade por parte das empresas implica, para além do diálogo com os *stakeholders*, o envolvimento integrado de todos os seus departamentos.

- Por outro lado, a consulta dos *stakeholders* faz com que a empresa conheça as suas expectativas identificando tendências de mercado e novas oportunidades de negócio. Parafraseando Peter Drucker, a verdadeira responsabilidade social das empresas é transformar um problema social numa oportunidade económica e num benefício económico. Isto significa que a empresa dentro do seu *core-business*, dentro dos produtos e serviços que oferece deve construir um sistema que permite inovar e apresentar produtos e serviços que preencham uma necessidade específica.

Pode dar-se um exemplo que revela, em simultâneo, consequências negativas resultantes da má avaliação de riscos e de vantagens resultantes da boa reputação junto da comunidade local. Esse exemplo é o do banco Northern Rock que sofreu o primeiro “*Bank Run*” em 150 anos em Inglaterra. Devido a actual crise dos mercados do *Sub-Prime* este banco encarou em toda a Inglaterra uma corrida aos seus balcões por parte dos clientes que com medo de perderem todo o seu dinheiro por falta de liquidez da instituição, correram ao banco para levantarem os seus depósitos, pode afirmar-se que esta crise se deveu muito a uma má avaliação dos riscos sociais da carteira de créditos. Isto aconteceu em todo o país com a excepção de Newcastle porque na sua cidade de origem o banco possui uma reputação muito forte. As pessoas da cidade consideram o Banco um parceiro seu e, como tal, apoiam o banco no seu momento mais difícil. Esta reacção da população foi, em grande medida, o resultado das práticas de filantropia estratégica ou marketing social levadas a cabo pelo banco ao longo dos anos.

Indicam-se também casos de exploração de novas oportunidades de negócio. Entre os bancos, podem dar-se como exemplos o Luso Carbon Fund em que um dos precursores do projecto foi o Banif, os investimentos social e ambientalmente responsáveis (SRI) do ABN-AMRO e as actividades de micro-crédito do BES.

No sector do turismo, também já há empresas nacionais com políticas ambientais. É disso exemplo a SONAE Turismo. Na construção, a BRISA e a Mota-Engil.

Para finalizar, há já várias empresas a emitir relatórios anuais que descrevem a sua performance em termos económicos, ambientais e sociais. Podemos adiantar como exemplos a Chamartín-Imobiliária, a Vodafone e muitas outras empresas de todos os sectores de actividade.

Alguns Links interessantes: <http://www.sustentare.pt/>;

[http://www.shareholder.com/visitors/dynamicdoc/document.cfm?documentid=1447&companyid=ABNCC](http://www.shareholder.com/visitors/dynamicdoc/document.cfm?documentid=1447&companyid=ABNCC;);

www.banifinvestimento.pt/Banif/document/1_RESULTADO_OFERTA_LUSO_CARBON_FUND.pdf;

<http://www.chamartinimobiliaria.com/sustentabilidade/homepage.aspx?idsessao=516335c8-9db6-4f48-a7dd-a2d81568d861¶m=6xaQnimFh6ShIR4NKdOwDOPvdqYXVV3y>;

<http://www.vodafone.com/start/responsibility.html>;

<http://www.bes.pt/sitebes/cms.aspx?plg=CB435311-0857-4275-826C-30C151AC331C>.

<http://www.sonaeturismo.com/pt/ambiente.html>;

<http://www.brisa.pt/Brisa/vPT/Seguranca+e+Sustentabilidade/>;

http://www.mota-engil.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=340&Itemid=199.

BIOs

Sofia Santos é partner da Sustentare Lda., onde actualmente exerce actividade como consultora especializada em sustentabilidade empresarial e directora da Im))pactus - primeira revista português dedicada exclusivamente à sustentabilidade empresarial, que foi lançada no mercado português em Abril de 2004. Foi responsável pela área estatística da CELPA - Associação da Indústria Papeleira bem como pela representação externa do sector juntos dos organismos europeus no que diz respeito a estatísticas europeias sobre o sector, contabilidade ambiental e definição da estratégia de sustentabilidade do sector ao nível europeu. Actualmente mantém-se como consultora para os assuntos de sustentabilidade. No passado exerceu funções como Research Assistant no banco Americano Merrill Lynch em Londres. Em Portugal exerceu também funções em ONGs, agências de notícias e no Instituto Nacional de Estatística.

A nível académico é licenciada em Economia pelo ISEG e possui um mestrado em Economia pela Universidade de Londres. Actualmente é aluna de Doutoramento sobre a Sustentabilidade no sector bancário na Universidade de Middlesex em Londres. Tem o curso de auditora da norma AA1000 certificado pela AccountAbility. A sua actividade de docência passa (mais recentemente) pela docência da cadeira Implementação da Estratégia de Sustentabilidade na Pós Graduação de Gestão e Desenvolvimento Sustentável na Universidade Católica do Porto (2006/2007); organização e docência do Mestrado Executivo de Sustentabilidade Empresarial, Negócios e Ambiente, pelo INDEG – Instituto para o Desenvolvimento da Gestão Empresarial (ISCTE - Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa) das cadeiras de Mercados Financeiros e informação não-financeira, sendo também docente na EOI Business School em Madrid, onde lecciona as cadeiras de “New Sustainability trends” e “Governance”.

Pedro Barbosa, é consultor em sustentabilidade empresarial na Sustentare, Lda. Exerceu funções de técnico superior na Direcção de Serviços de Planeamento Financeiro no Gabinete de Planeamento, Estratégia e Relações Internacionais do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. Exerceu funções como comercial no Centro de Seguros e Serviços do El Corte Inglés e na Caixa Geral de Depósitos.

A nível académico, é licenciado em Economia e Mestre em Economia Monetária e Financeira pelo ISEG/UTL com a tese “Ensaio sobre economia aberta” com a orientação do Professor Doutor Pedro Leão. Tem uma pós-graduação em Finanças com especialização em Mercados e Activos Financeiros do CEMAF/ISCTE.

Foi um dos autores das publicações “Banca e Seguros, Ambiente e Sociedade – Desafiar mentalidades, definir novas oportunidades de negócio” e “Construção sustentável – Oportunidades estratégicas do sector no combate às alterações climáticas” da Sustentare, Lda.. Artigo publicado na revista *Indústria e Ambiente* em co-autoria com Sofia Santos com o título “Banca e Seguros, Ambiente e Sociedade – Desafiar mentalidades, definir novas oportunnides de negócio”.